

Exposição

Era uma vez...

Narrativas de crianças na pandemia:
discursos que reinventam o mundo

o catálogo



Marlete Sandra Diedrich
Gabriela Dornelles
Diogo Zanatta

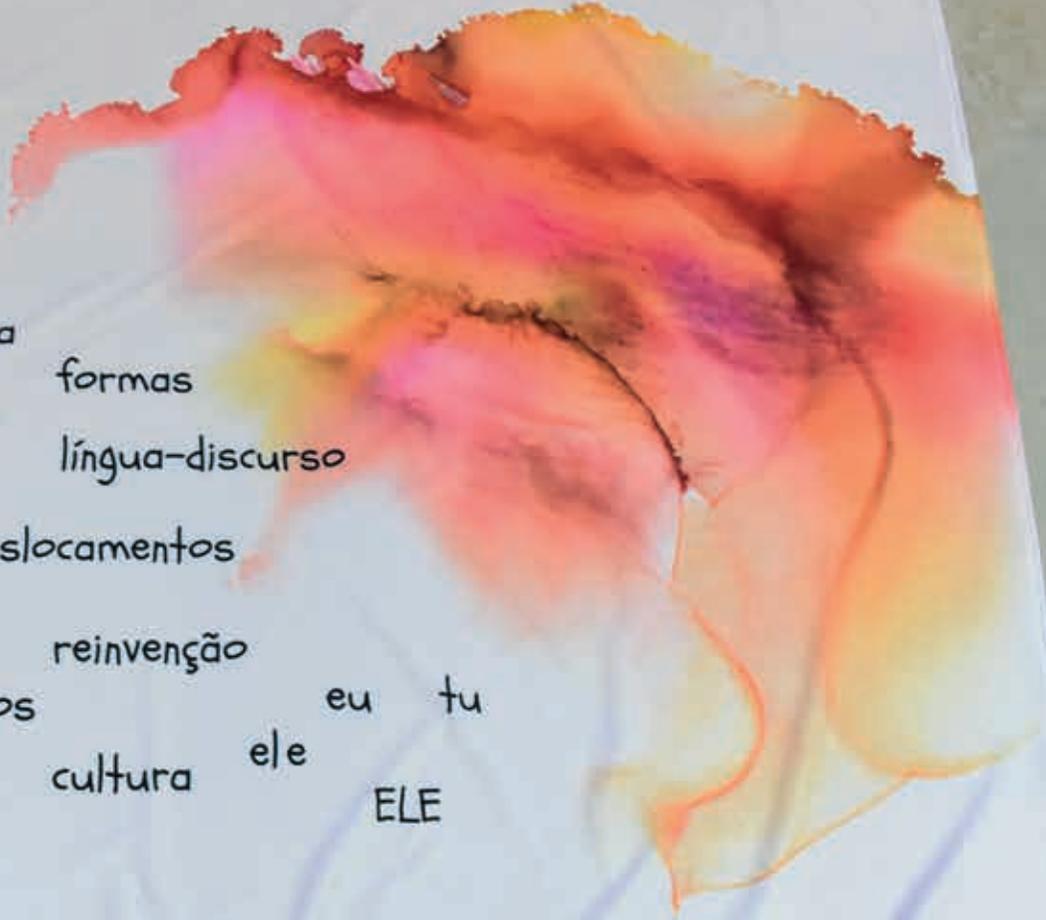


Exposição

Era uma vez...

Narrativas de crianças na pandemia:
discursos que reinventam o mundo

o catálogo



metonímia
simbólico da linguagem
formas
língua-discurso
sociedade metáfora deslocamentos
arranjos vocais
reinvenção
sentidos eu tu
cultura ele
ELE

A Coordenação do Projeto A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem

e

a equipe executora da Exposição *Era uma vez...* Narrativas de crianças na pandemia: discursos que *reinventam* o mundo apresentam



Exposição
Era uma vez...
Narrativas de crianças na pandemia:
discursos que reinventam o mundo

Catálogo da Exposição, ocorrida no período de 02 a 17 de julho de 2022, no Espaço Estação da Arte, Gare, Passo Fundo – RS. A exposição é uma realização do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – Fapergs e em parceria com a Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

Flora: sim, mãe ... a gama tá seguindo o gatinho, e, e aquela fila tá, também tá seguindo o gente ... o tá pegando um monte de fi

Mãe: tá olhando a paisagem ainda?

Flora: eu tô... eu tô espionando a paisagem

Mãe: que que você tá fazendo Flora?

Flora: pra enxotar ... os animais pra dar os nomes deles.

Mãe: ah.

Mãe: você tá andando no quê? que... donde que você tá andando... pra onde que você tá indo?

Flora: pra Débora ... eu sou uma GAAga mãe?

Mãe: você é uma graça... isso

**PAI
PA SÁ GEM
GEM**

Flora, 3 anos

Theodoro: esse é o mississouri e ele vai ao mercado e compra... ele vai com missão e tudo o mais ao mercado

Mãe: e o que ele vai comprar no mercado?

Theodoro: docinho

Mãe: docinho? qual docinho?

Theodoro: é que delícia, mas não pra ele comer agora porque ele tem que comer o lanche primeiro, ele come, ele toma água, no lanche ele toma água pra ele viver no mar

Mãe: tá e ele vai lá passear agora então?

Theodoro: não ... agora não porque tá de noite no Jurassic World

Theodoro, 3 anos

**As narrativas
que ressignificam o mundo:**

1 constituição de referências na língua-discurso

4 nomações são atualizadas na construção de
fundos ressignificados a cada dizer da criança

e depois ele achou ... o irmão dele achou um besourinho que eu não sei o nome de outra forma de outra forma ele tá andando no pezinho dele ... dele e depois ele começou a gostar de ficar no pezinho entendeu?

Sofia, 5 anos

Augusto eu não sou só de mentirinha

Mãe: mas quem manda lá na escola?

Augusto: prof, e os colegas também

Mãe: ah os coleguinhos também mandam? não.

Augusto: sim, de mentirinha

Mãe: ah

Augusto: e? Ah também manda de mentirinha mas que é um prof de verdade aí aqui para ele - Ah não não é uma prof de verdade, você é de mentirinha

Mãe: é... a prof de verdade é a prof de verdade

Augusto: de mentira (suspirando)

Augusto, 4 anos

O Projeto que deu origem à Exposição

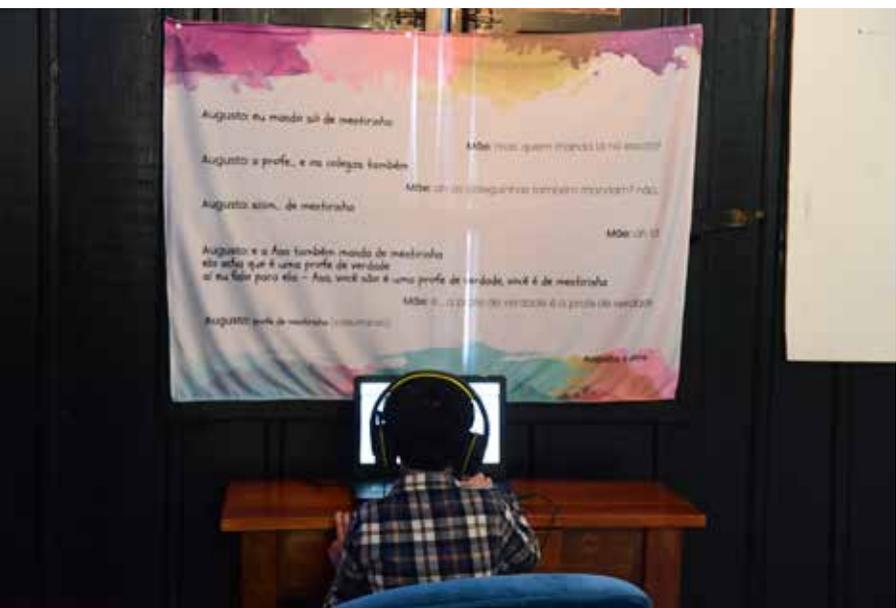
A Exposição busca promover a popularização da ciência, por meio da garantia de acesso aos resultados de pesquisa científica realizada no projeto **A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem**. O trabalho envolveu seis crianças na faixa etária dos três aos seis anos de idade e a produção espontânea de narrativas orais em seu cotidiano familiar. O objetivo foi refletir sobre o modo específico de a criança narrar, na relação com o outro, as experiências vividas ou imaginadas em eventos particulares. Os dados foram registrados pelos pais das crianças e analisados por equipe de pesquisadores da linha de pesquisa **Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Letras**. O resultado aponta para arranjos discursivos, de natureza metafórica e metonímica, os quais marcam o dizer da criança e contribuem para a reinvenção de mundos narrados reais e imaginários.





A criança, ao narrar, estabelece relações entre o mundo e o mundo, ajustando formas e ajustando na relação com o outro. A experiência de narrar é possível através da propriedade simbólica da linguagem. Nesta experiência, a criança percebe que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas". (GENEVESSE, 2005, p. 31)

Algo que não tem nome são mais pronunciadas por criança!
Manoel de Barros



Os visitantes foram acolhidos num ambiente que buscou figurativizar, por meio das mesas, poltronas, tapetes e porta-retratos dispostos na Galeria, o espaço doméstico e familiar das moradias das crianças, uma vez que foi em suas casas que as crianças se viram fechadas durante o período de distanciamento físico provocado pela pandemia. No interior deste ambiente, como janelas abertas para outros universos, foram dispostos também o vestido de Cinderela, os livros de histórias, os dinossauros de borracha, os desenhos coloridos, as cantigas cantaroladas nos canais de entretenimento da televisão ou da Web, numa clara evocação à experiência da criança no simbólico da linguagem, propriedade que possibilitou aos meninos e às meninas **a imaginação criadora e os deslocamentos de significados entre o mundo real e o mundo imaginário.**

Para aqueles que preferem a interação digital, foi organizada uma **exposição virtual** (por Gabriela Golembieski - Pibic Cnpq), a qual poderia ser acessada pelo visitante na Galeria, mas também acessível, no modo remoto, a quem não pôde estar presente. Nesta exposição virtual, encontra-se parte das narrativas das crianças em seu formato original, em vídeo. O acesso se dá pelo link <https://www.kumospace.com/eraumaveznarrativas>.

Com certeza, foi a **presença viva e pulsante do público visitante**, como se constata nos registros fotográficos que compõem este Catálogo, que garantiu à Exposição o cumprimento de seu propósito de diálogo com a comunidade em geral, contribuindo para o avanço da ciência numa perspectiva humana e social.





a criança adquire, aprendendo,
falar, é o mundo no qual ela vive
ade, que a linguagem lhe dá
o qual ela aprende a agir.
nome de uma coisa, ela adquire o
io de obter esta coisa.
a palavra, ela age, pois, sove o
nder de ação, de transformação, de
ue é a chave da relação humana
gua e a cultura, uma relação
ntegração necessária".
ENVENISTE, 1989, p. 24)

o entre o
tes no
possível
agem
e do
por crianças

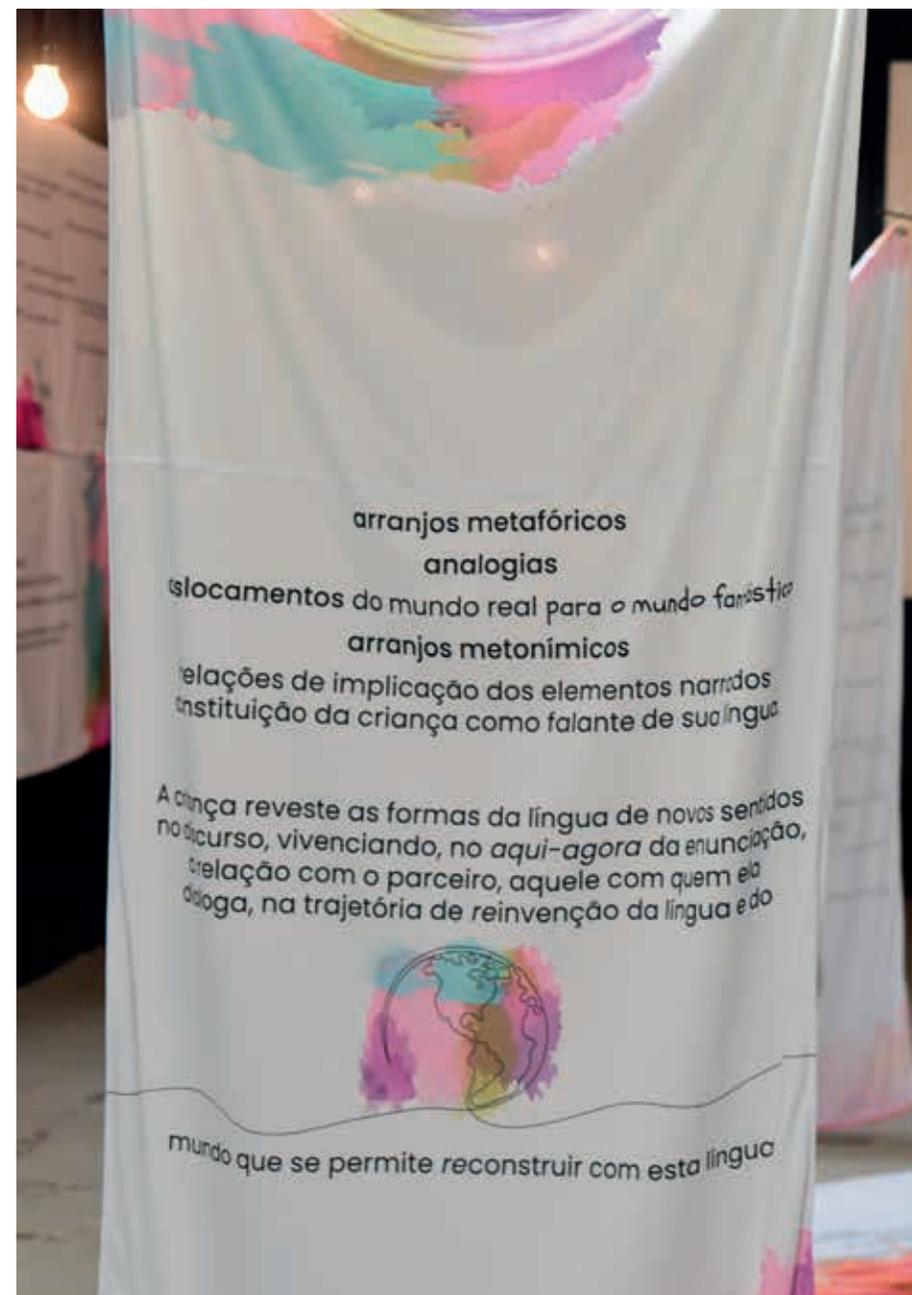
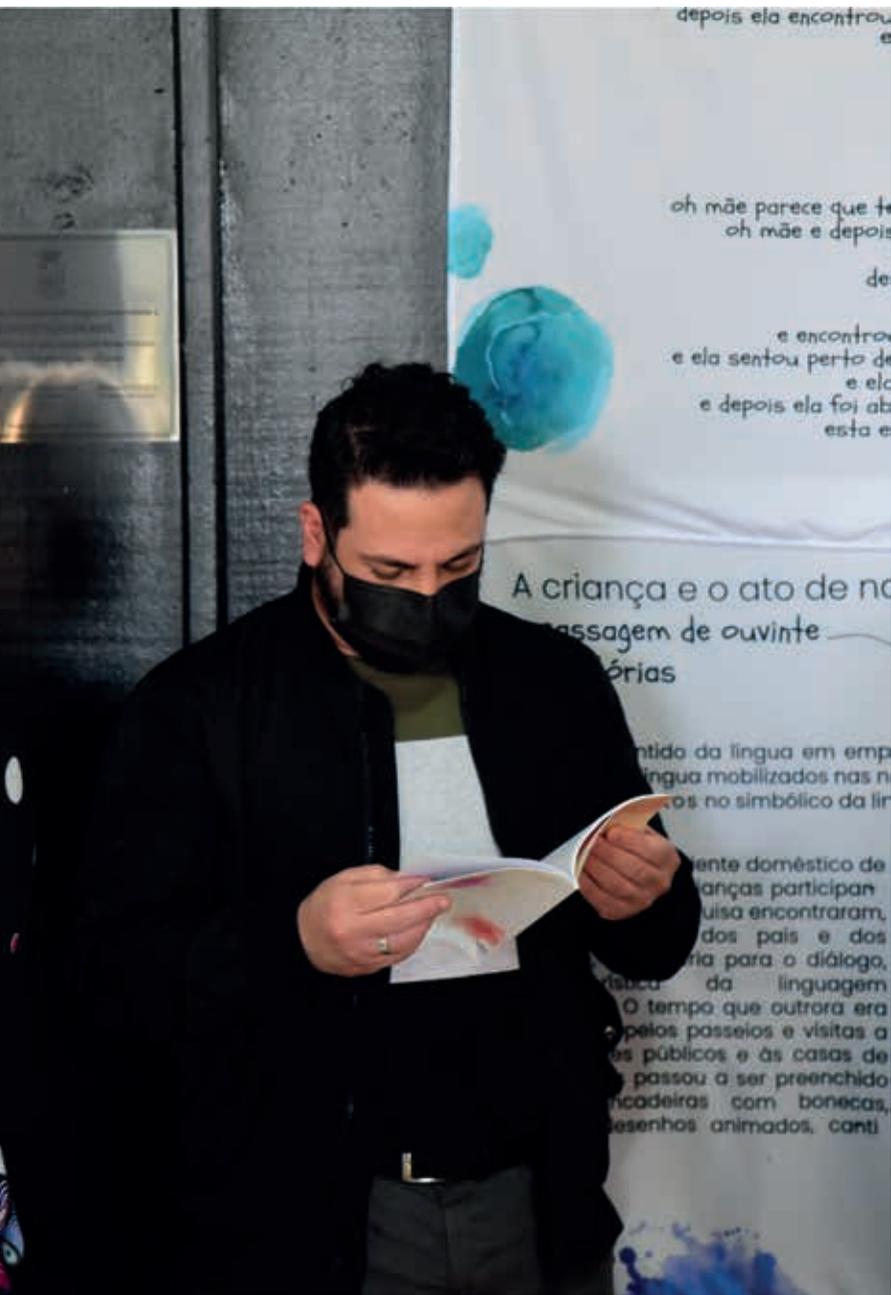


Marlete Sandra Diedrich,
coordenadora do Projeto

Este Projeto representou importante realização para mim e para meu grupo de pesquisa. Estudar narrativas de crianças produzidas durante o período de pandemia foi um tema muito interessante, sobre o qual, acredito, fizemos descobertas bem pontuais e significativas. No entanto, o grande ganho deste projeto foram as parcerias estabelecidas em cada etapa, desde a produção e o registro dos dados das crianças com o auxílio dos pais e mães até a montagem da Exposição na Galeria e a visitação do público. A cada dia em que a Galeria se abriu para receber o público, novas e instigantes experiências foram vividas. O sentimento só pode ser de gratidão pela doação de cada um a esta proposta.



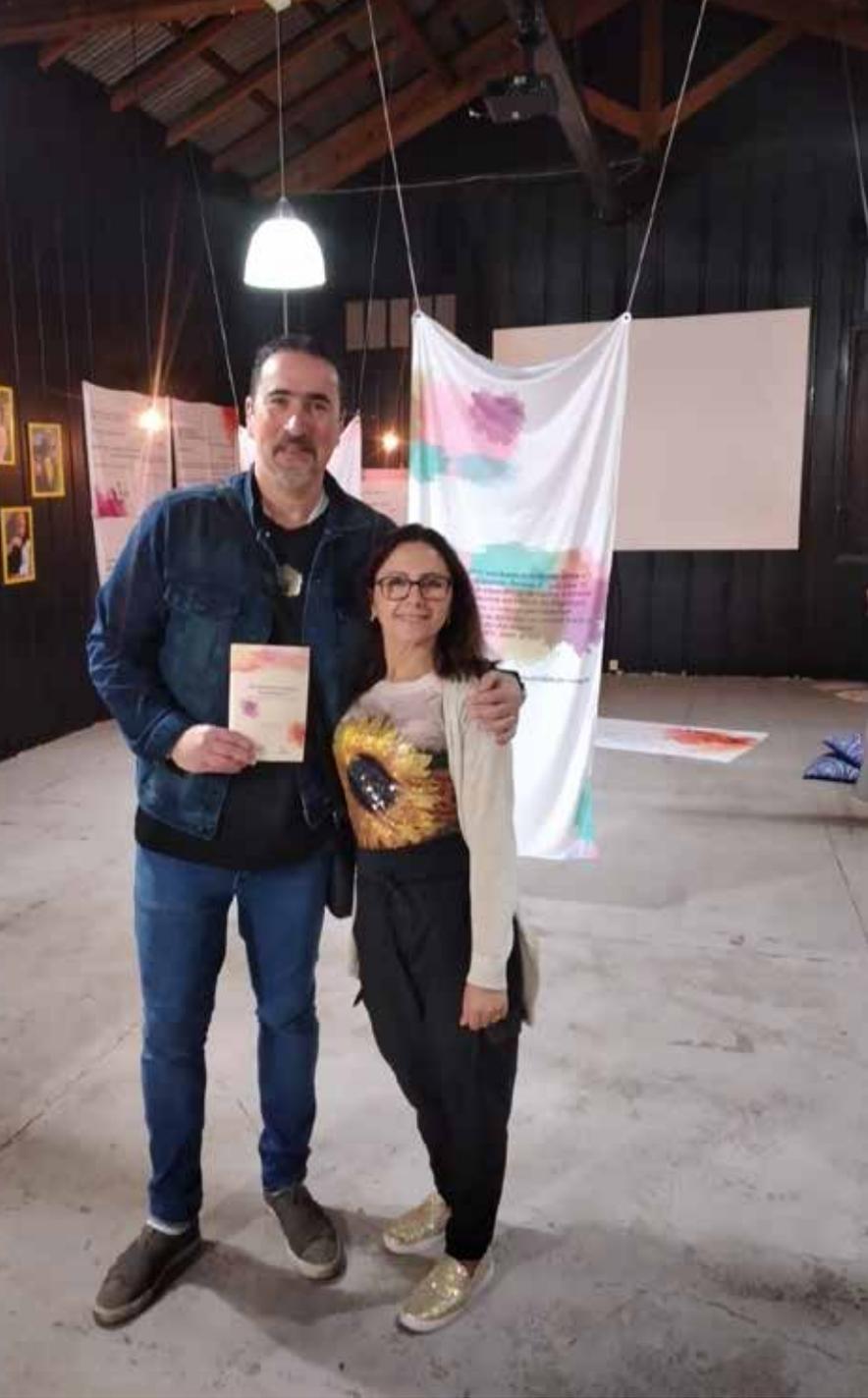












Alice Porto,
curadora e responsável pelo projeto expográfico

O convite para ajudar a conceber visual e espacialmente uma exposição no contexto de uma pesquisa a partir da área de linguística/letras colocou uma situação de quase tradução: como transpor e reinventar um arquivo de narrativas, fragmentos, presenças, sensibilidades concebidas e arquivadas a partir de uma perspectiva textual em direção a um espaço para o corpo e o olhar?

Se uma pesquisa em letras se constrói a partir de palavras, um espaço expositivo demanda uma forma distinta de construção para proporcionar experiências de outra ordem. A Galeria Estação da Arte, onde fomos gentilmente acolhidos, é um lugar peculiar no panorama cultural de Passo Fundo. Uma sala de paredes de madeira escura, com janelas que podem se abrir para a paisagem verde do parque da Gare. Suas paredes, compostas por vigas de madeira, possuem texturas irregulares e minúsculas frestas, que em si já são duplamente um convite e um desafio para a montagem. Esta sala, situada no canto do complexo gastronômico da Gare, se insere em um circuito sem necessariamente entranhar-se nele. A um primeiro momento, seria possível dizer que se estranham. Entretanto, a proposta expositiva, por algumas características próprias à metodologia da pesquisa, acabou por transpor um pouco essa divisão entre o públi-

co mais voltado a propostas artísticas/experimentais da Galeria e o público mais familiar que frequenta os restaurantes. A pesquisa teórica desenvolvida a partir de narrativas de crianças no confinamento pandêmico trouxe um protagonismo para o interior das famílias, e as famílias para dentro do museu.

Se, pelo lado da linguística, interessa o movimento de aquisição da linguagem dentro do processo individual de cada criança no contexto do isolamento, pelo lado da arte interessa para onde mais possam apontar essas frases que se constroem enquanto os pequenos indivíduos se apossam da ferramenta da fala, a carga poética que habita nas falhas e ambiguidades, o que essas primeiras falas possam agregar à experiência do cotidiano no que se refere a aquilo que já pensamos conhecer, a que outros horizontes apontam.

Tendo isso em vista, penso que meu papel nessa construção, como artista, foi auxiliar no sentido de construir um ambiente que pudesse recriar ou aproximar essa experiência de mundo documentada pela perspectiva das crianças. Para tal, estipulei algumas estratégias para a ocupação do espaço: o posicionamento de alguns desenhos realizados por crianças próximos à linha do olhar, a impressão de fragmentos de textos da pesquisa sobre tecidos macios e versáteis (que pendem do teto, esparramam no chão, prendem-se às paredes), a organização de objetos do convívio das crianças durante a pande-

mia reconstruindo o ambiente do lar, com esses que são resquícios de experiências vividas no período mais radical do isolamento, transpostos e revisitados agora num espaço que começa a se abrir para pessoas e convívios.

O que me encantou a princípio por esta pesquisa, além da possibilidade de trabalhar junto a uma equipe multidisciplinar, e de sua proximidade com o objeto livro e com as palavras por um prisma literário (dois elementos que muito me interessam no campo das artes visuais), foi o que ela revela do período pandêmico que não é necessariamente trágico. Enquanto nós, adultos, atravessávamos um período inigualável de tragédia coletiva, luto e turbulência política, existiram também outros acontecimentos brotando de outros ângulos menos visíveis e óbvios, no interior das casas. Muito se fala sobre o impacto negativo do longo período de isolamento sobre a formação das crianças, o que é uma preocupação muito legítima, mas talvez tanto tempo submersos em más notícias tenham também nos deixado um pouco apáticos para as sutilezas, como crianças inventando, dobrando, esticando as palavras pra alcançar até sua experiência de mundo. No encontro entre crianças e linguagem, linguagem e imagens, processos de criação, narrativas sobre a vida cotidiana e rastros do vivido, surge essa exposição.

Vida longa a esses tantos encontros e parcerias, e ao espaço Galeria Estação da Arte!











Margarida Pantaleão,
consultora da Exposição

Criar é uma condição da vida e inicia na infância. Ao usar diferentes materiais, técnicas, a criança faz descobertas sempre novas, as quais estimulam a imaginação.

A arte possibilita a expressão de ideias e emoções em linguagem visual. Ao fazer isso, o indivíduo, no decorrer da vida, ganha instrumentos para expressar seus pontos de vista de forma ampla, singular e verdadeira.

Assim, cada um conhece melhor a si mesmo, ao outro, além de absorver diferentes visões de mundo, suscitando interpretações inesperadas.

A criação, a fruição estética exigem tempo e dedicação que às vezes estão na contramão da sociedade contemporânea tão imediatista.

Vivenciar arte e linguagens juntas é maravilhoso.







Lindiara Paz,
responsável pela Galeria Estação da Arte

Era uma vez ... Uma prô doutora, que resolveu ir além do seu território em busca de outros seres capazes de receber com braços abertos toda forma de amar. “É o projeto da minha vida” – disse ela com os olhos brilhantes. Mais que pesquisa, ciência e linguagem em forma de arte, entrega. Incluiu, acolheu, ensinou e dividiu com nossa comunidade. Encontrou um espaço dedicado a todos que chegam com seus projetos de vida, exteriorizados de várias e mais diferentes maneiras “nas mãos”. Nas mãos que se juntam às outras mãos e a outros corações cheios de vontade de ver na ação, sentir na pele e viver os seus conhecimentos, os quais só fazem sentido quando divididos. Uma honra receber este projeto, marcado pela empatia. “No caminho do conhecimento, o que conecta é ser humano”. Gratidão.



Claudia Toldo,

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF:

Participar da Exposição “Era uma vez... Narrativas de crianças na pandemia: discursos que reinventam o mundo” que traz resultados do projeto de pesquisa A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem, desenvolvido no grupo de pesquisa da Prof^a Dr. Marlete Sandra Diedrich, docente do PPGL, da Universidade de Passo Fundo, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs), foi um presente a toda comunidade acadêmica que ocupa seus dias em prol da ciência e da construção do conhecimento. Isso foi socializado de forma sensível e graciosa, já que os protagonistas são crianças que narraram a vida, a sua vida! Essa exposição alimentou sentimentos bons que permeiam nossos dias, mesmo em situações adversas como as vividas durante o período de isolamento social, causado pelo vírus devastador que apagou vidas, angustiando a todos. Passar pela exposição trouxe-nos a alegria na fala das crianças e a esperança de reinventar o mundo, quando (re)significado pela palavra. Essa Mostra traz para o centro da reflexão o sujeito falante que não é uma coisa, mas é linguagem que pelo movimento discursivo que produz se recria indefinidamente.- Considerando essa perspectiva, podemos

dizer que o homem não só está na língua, mas que existe na e pela língua, constituindo-se nela. É isso que percebemos ao ler as narrativas das crianças mostradas nesta Exposição - essas crianças que se reinventam nas histórias que contam. Um momento único e singular de ver e ler o sujeito enquanto um ser de linguagem. É a pesquisa tratada pela sensibilidade humana e socializada pelo conhecimento teórico.







Alessandra Del Ré,
professora e pesquisadora da área da Aquisição da Linguagem da Unesp-SP, coordenadora do Grupo de Pesquisa do Cnpq NALingua

“León: Um sapo bem pequeninho vivia no lago depois viu a mamãe sapo, bebê sapo, papai sapo e o filhinho sapo (...)

Luca: sim, agora fala sapo minha mamãe, papai, bebê e o filhinhos...começá...e acabô (...)

Luca: agora o León vai contá história (...) historinha do gatinho que faz ‘miau’‘miau’

León: Era uma vez um gatinho que vivia na casa e depois uma menina chamada Aurora, depois viu um porco na casa, o porco chama cor de rosa com marrom, depois viu um lobo, o lobo é verde com cor azul ”

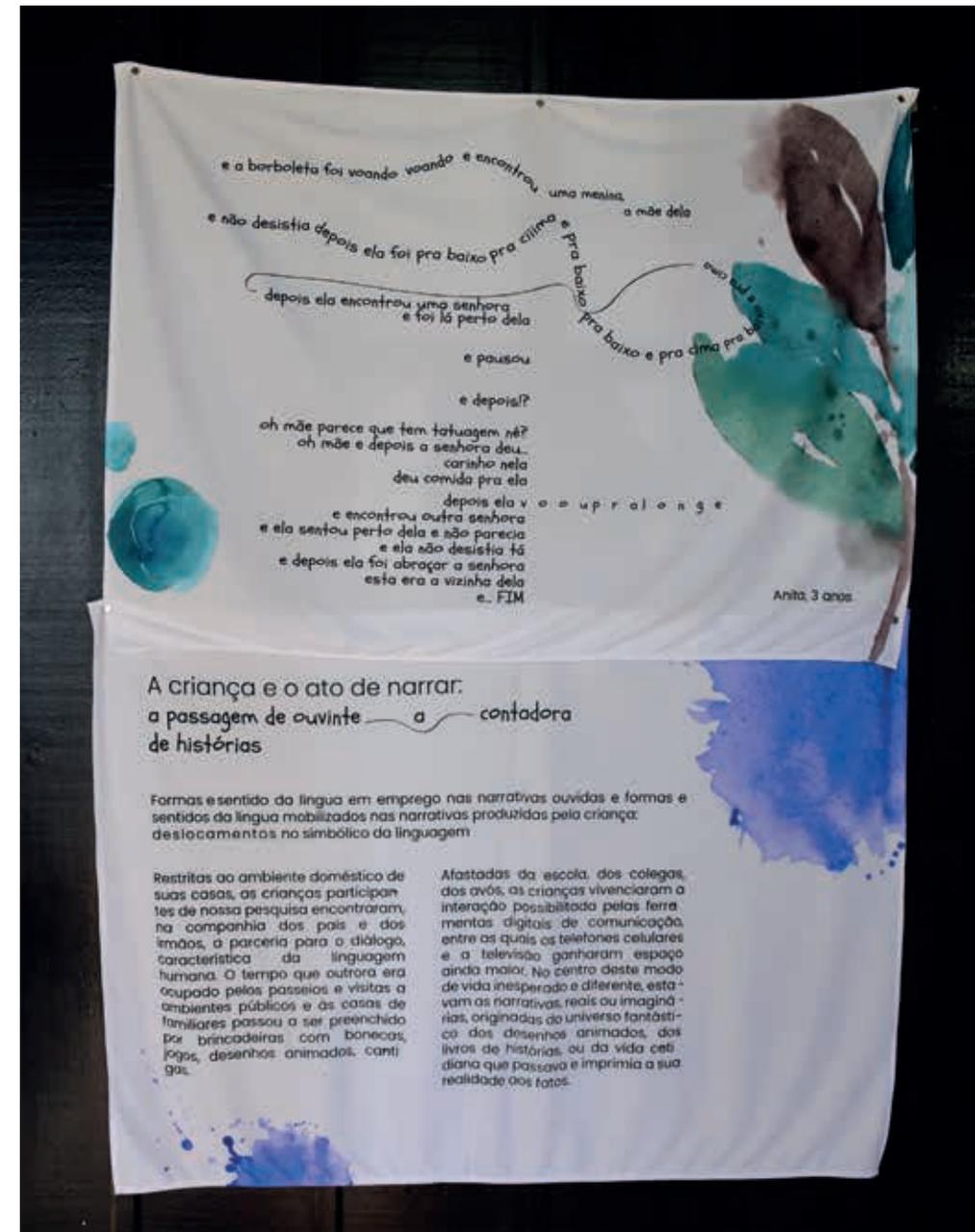
(Luca e León, aos 3 anos e 5 meses, conversando sobre o livro de animais que folheiam)

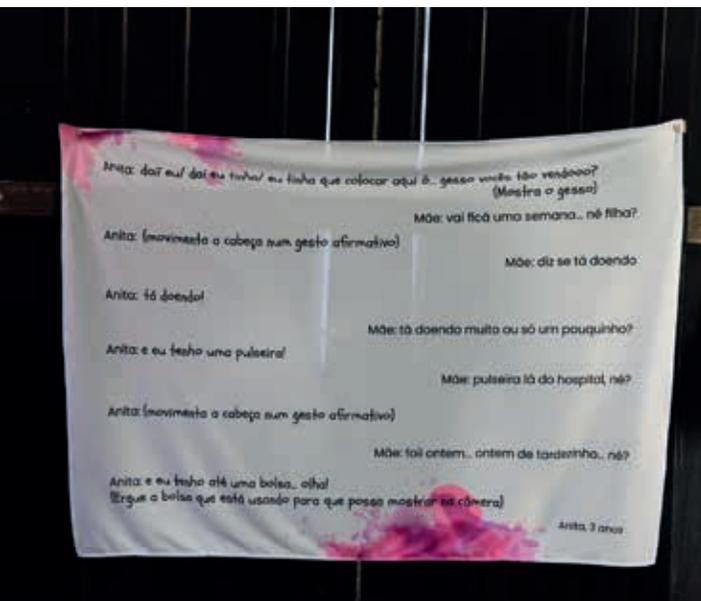
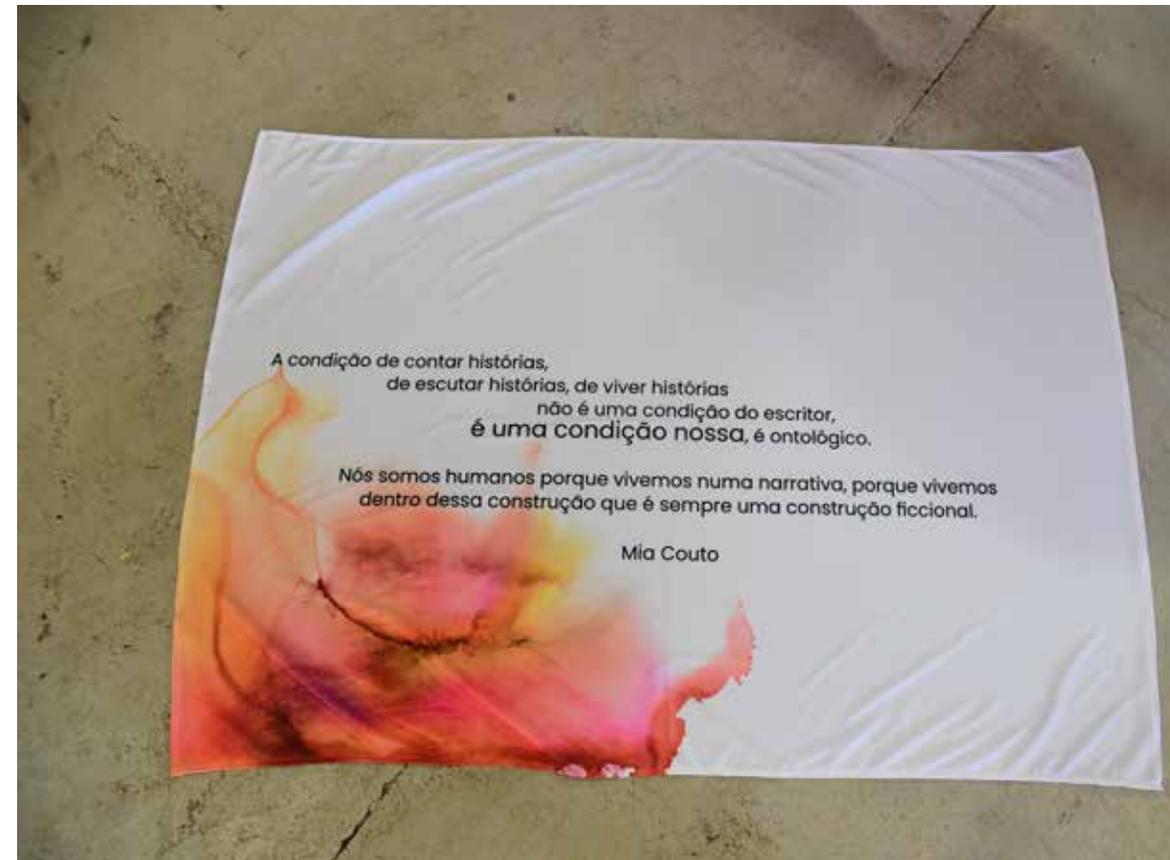
E criança pequena narra?

De um ponto de vista “adultocêntrico”, a resposta seria “não”, já que suas produções poderiam ser interpretadas como incompletas,

nonsense etc. Mas se atribuirmos um outro olhar a esses enunciados, podemos, ao contrário, enxergar apenas formas heterogêneas, singulares, ou ainda inéditas de se colocar em palavras (*mise en mots*) histórias ouvidas, fatos vivenciados, às vezes uma mistura desses dois momentos. Luca e León, aos 3 anos e 5 meses, constroem juntos uma história, enquanto folheiam um livro com imagens de animais. Co-constroem, em um movimento de produção e recepção do discurso narrativo oral, em uma relação dialógica instaurada entre eles – e não apenas com um adulto. Narrar, aqui, é, assim, a forma singular por meio da qual um fato é apreendido e contado pelo sujeito-narrador, bem como suas reações a ele, o que garantirá ao fato o estatuto de *digno de ser narrado*, lhe conferirá um valor narrativo. Nas narrativas tudo “pode ser dito”; não é necessário que a história comece com a indicação de uma situação, que se identifique, desde o início, espaço, tempo (“Um sapo bem pequenininho vivia no lago...”), personagens, aliás nem é necessário que a história termine – “...o lobo é verde com cor azul”. Trata-se, portanto, do reconhecimento de que nós nos relacionamos de maneiras diferentes com a linguagem em diferentes momentos de nossa vida, enquanto adulto, enquanto criança, seja narrando, argumentando etc. (François, 2004). Assim, claro, criança pequena narra, sim. E muito. Mas colocar fatos em palavras, sobretudo os

pandêmicos, nem sempre é fácil. Máscaras, distanciamento, medidas de proteção do “Coviu”... E a tão necessária exposição “Narrativas de crianças na pandemia: discursos que reinventam o mundo” revela esse maravilhoso e misterioso universo. O da possibilidade, no que parece impossível. O belo, no terrível. Uma verdadeira magia que nos transporta ao encantamento. A palavra que transforma a realidade, grafada em peças de tecido delicadamente coloridas; almofadas, tapetes, mesinhas, livros infantis e porta-retratos nos remetem aos lares das crianças, onde elas permaneceram muito mais tempo do que se esperaria... Um novo lócus da Aquisição da Linguagem. Um espaço de partilha com crianças, adultos, profissionais da Educação, da Psicologia, da Fonoaudiologia. Uma grata surpresa nesse mundo que se reinventa.





Gabriela Dornelles,
responsável pelo projeto gráfico

Revolto
particular, mar de linguagem
das ondas índigas

Não em vão,
nascidas da inocência,
emergem teias de conhecimento
cor arco-íris.



A criança, ao narrar, estabelece relações entre o discurso e o mundo, ajustando formas e ~~atribuindo~~ na relação com o outro. A experiência de narrar é possível em função da propriedade simbólica da linguagem.

Nesta experiência, a criança percebe que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas".
(BENVENISTE, 2005, p. 31)

Coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças

Manoel de Barros

Biodados dos membros da equipe

Alice Porto

Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com doutorado sanduíche da Katholieke Universiteit Leuven, em Bruxelas, na Bélgica. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Especialista em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande (2012), e Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (2009). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Gravura, atuando principalmente nos seguintes temas: gravura, desenho, arte feminista e livro de artista. Foi professora da Universidade de Passo Fundo e atualmente trabalha na Universidade Federal de Rio Grande.

Diogo Zanatta

Repórter Fotográfico Freelancer com inúmeros trabalhos publicados em revistas e jornais do estado e do país.

Graduado em Comunicação Social: Hab. Publicidade e Propaganda pela Universidade de Passo Fundo - RS (2006), com Pós-Graduação em Fotografia, Imagem em Movimento pela Universidade Positivo - Curitiba/PR (2012).

Gabriela Dornelles

Designer Freelancer. Extensionista no Projeto Design, Inovação e Sustentabilidade.

Acadêmica no curso de Design Gráfico (CST) pela Universidade de Passo Fundo - RS

Lindiara Paz

Artista visual, é natural de Passo Fundo/RS e cursa Gestão Pública, coordenadora do coletivo Confraria das Artes, coordenadora da Galeria Estação da Arte, coordenadora dos projetos Cidade Viva e Arte nas Escolas, integrante do colegiado de Artes Visuais do Conselho Nacional de Cultura 2014-2016, integrante do Conselho Municipal de Políticas Culturais (CMPC) desde 2009; atualmente é presidente do Conselho, agente cultural, responsável por Políticas de Inclusão Social na Secretaria Municipal de Cultura - PMPF, desde 2017.

Margarida Pantaleão

Bacharel e Licenciada em Artes pela Universidade de Passo Fundo - RS, com Especialização em Arte, Teoria e Métodos. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi Coordenadora da Ação Pedagógica do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider por 15 anos. Atuou como professora de Artes na Rede Pública de Ensino.

Marlete Sandra Diedrich

Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - RS, doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora da área de Aquisição da Linguagem.

Coordenação

Marlete Sandra Diedrich
Curso de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade de Passo Fundo (UPF)

Colaboradoras do projeto

Maristela Piva – UPF
Patrícia da Silva Valério – UPF

Consultores do projeto

Carmem Luci da Costa Silva – Ufrgs
Giovane Fernandes de Oliveira – Ufrgs

Estudantes e bolsistas

Programa de Pós-Graduação em Letras – UPF

Ana Carolina Boldori – Capes
Juliana Laimer
Laércio Fernandes dos Santos – Capes
Marina de Oliveira – Capes
Monique Giusti Reveilleau
Paula da Cunha – Capes
Sabrina Bassani

Bolsistas do Curso de Letras – UPF

Anderson Potrick – Pivic
Flávia de Oliveira Milani – Pivic
Évan Faria Tonial – Pibic Fapergs
Gabriela Golembieski – Pibic CNPq
José Augusto Bregalda – Revisor – Pibic UPF
Lucas Martins Favaretto – Fapergs
Maria Luisa Winik Drum – Pivic

Bolsistas do Curso de Letras – UPF

Anderson Potrick – Pivic
Flávia de Oliveira Milani – Pivic
Évan Faria Tonial – Pibic Fapergs
Gabriela Golembieski – Pibic CNPq
José Augusto Bregalda – Revisor – Pibic UPF
Lucas Martins Favaretto – Fapergs
Maria Luisa Winik Drum – Pivic

Bolsista do Ensino Médio Integrado

Eduarda Carolina Vargas – Iniciação Cient. Júnior

Equipe executora da Exposição

Curadoria e expografia
Alice Porto – UPF – Furg

Projeto gráfico

Gabriela Dornelles

Consultoria

Margarida Pantaleão

Pais das crianças

Anita: Aline B. Prestes e Luciano da F. Prestes
Theodoro e Sophia: Jaciara F. e Marcelo dos Santos
Elena: Josieli de L. Dornelles e Daniel W. da Silva
Lavínea: Emanuelli Pricila e Matheus Ricieri Basso
Augusto: Luana C. Pegarano Rigo e Michel F. Rigo

Apoio financeiro

Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul
(Fapergs)

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Marlete Sandra Diedrich; Gabriela Dornelles; Diogo Zanatta

Exposição. Era uma vez... narrativas de crianças na pandemia: discursos que reinventam o mundo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 84p. 29 x 21 cm.

ISBN: 978-65-5869-989-7 [Digital]

1. Exposição. 2. Narrativas de crianças. 3. Era uma vez. 4. Discursos. I. Título.

CDD – 410

Capa: Gabriela Dornelles; Diogo Zanatta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Gabriela Dornelles

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Imaginemos o que seria a tarefa de representar visualmente a “criação do mundo” se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vemos no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos; mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco.
(BENVENISTE, 2005, p. 30-31)

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2022